

Editorial

A complexidade do universo social moldada pelo imbricamento de variáveis diversas não permite tratar temas cruciais, como desenvolvimento, buscando o isolamento de categorias, a fixação de fatores causais ou processos evolutivos lineares. Assim, o discurso contemporâneo sobre desenvolvimento tem como elemento central a articulação.

No Brasil, os enunciados que marcaram a retomada do discurso sobre desenvolvimento tiveram forte assento nas questões ambientais às quais se agregaram dimensões sociais e culturais. O aspecto econômico assumiu o caráter neoliberal, retirando o Estado como motor central do desenvolvimento dos países. A política, também de orientação neoliberal, voltou-se especialmente para as relações internacionais, particularmente para a abertura de mercado, como estratégia para inserção do País no mundo globalizado.

Nesse cenário, o discurso do desenvolvimento, como processo de transformação social, assumiu caráter marginal, pontuado pela busca de soluções endógenas, no sentido mais restrito do termo, gerando ora a guerra fiscal entre estados e municípios, ora ações voluntaristas de caráter quase messiânico.

As circunstâncias que cercam o tema são marcadas, de um lado, pela heterogeneidade social no âmbito de espaços geográficos específicos com o aprofundamento dos níveis de concentração de renda e, conseqüentemente, aumento da exclusão social. Por outro, pelo processo de globalização que, em tese, tenderia a maior homogeneização entre os países, por meio do intercâmbio de conhecimentos, idéias e bens, mas que, na prática, homogeneiza essencialmente padrões de consumo capazes de sustentar o modelo produtivo global determinado pelos países centrais, detentores de capital e tecnologia.

Vê-se, portanto, que no discurso do desenvolvimento local, como estratégia de superação de limitações e diferenças seculares, entrelaçam-se circunstâncias locais e circunstâncias globais. Articulá-las é buscar pontos de conexão que viabilizem modos de pensar e agir capazes de produzir efetivas transformações das estruturas sociais, em todas as escalas.

Dessa forma, o local pode se constituir como espaço viável de elaboração de projetos políticos nacionais, regionais e locais, mas não se pode ignorar que a territorialidade da ação e das relações pode ser, e freqüentemente é, antecedida de direcionamentos originados muito além do local, em escala global, seja por organismos multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio, agentes financeiros, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, ou ainda pelas grandes corporações transnacionais.

O local está, assim, sujeito à lógica exógena, predominantemente econômica, amplamente favorecida pelas novas tecnologias de informação e comunicação e pelas estratégias de estabelecimento de um sistema político mundial dominado pelas grandes potências econômicas e militares. Por isso, a estrutura centro-periferia do sistema mundial e o conceito de subdesenvolvimento continuam a constituir categorias centrais nas discussões sobre desenvolvimento em todas as suas qualificações: econômico, social, local ou sustentável.

A maioria dos artigos que compõem este número dos Cadernos EBAPE.BR privilegiam a produção de aporte teórico-empírico, enfatizando, portanto teoria, política e prática, que permita compreender os determinantes do desenvolvimento da nossa sociedade nas suas diferentes abordagens (econômico, cultural, humano, local, sustentável, etc). Uns privilegiam reflexões teóricas que, mesmo que indiretamente vinculam-se ao tema do desenvolvimento. Outros trabalham a gestão em uma perspectiva crítica.

O primeiro artigo é de Luciano Ferreira e Maria Arlete Araújo. Os autores visam a compreender as condições em que se dão participação e decisão no âmbito da política pública. Para isso, utilizam o caso dos núcleos de produção do programa SER da Prefeitura Municipal de Natal.

No segundo artigo, Maria Ceci Misoczky e Rafael Augusto apresentam uma criativa e crítica reflexão acerca do trabalho de Chester Barnard e propõem, ao final, outras possibilidades de “organizar” como fruto de um fazer acadêmico diferente.

Altamir Souza e Cassiano Silva assinam o terceiro artigo. Em uma pesquisa qualitativa com adolescentes os autores revelam que esses possuem interesse e vulnerabilidade no que diz respeito às estratégias de marketing dos produtos

que costumam ou desejam consumir.

Alketa Peci, no quarto artigo, apresenta uma abordagem crítica ao novo institucionalismo, destacando principalmente a incoerência interna dessa corrente teórica, que tem sido bastante utilizada na área de Administração.

No quinto artigo, Sérgio Benício de Mello e André Souza Leão trabalham o sentimento de apego como um valor do cliente pós-moderno, em uma perspectiva do marketing.

O sexto artigo é de Fernando Martins. O autor apresenta uma discussão sobre as diferentes perspectivas de análise do controle na Teoria das Organizações.

No sétimo artigo Eudes Toscano e Carla Leitão desenvolvem um estudo comparativo entre as atividades definidas no componente auditoria e controle interno do Programa de Modernização do Controle Interno do Estado da Paraíba e concluem que houve um salto de qualidade na execução desse tipo de serviço.

O oitavo artigo é de Maria Cecília Pereira e Mozar José de Brito. Os autores analisam as relações entre o uso da tecnologia da informação, a cultura e as relações de poder em uma organização de caráter militar.

Por fim, Patrícia Costa e César Tibúrcio, no nono artigo, realizam uma análise do impacto do progresso tecnológico nos custos do tratamento hospitalar. Utilizam como estudo de caso o tratamento para litíase urinária no Hospital Universitário de Brasília.

Na seção "Casos e Working Papers" Carla Winter Afonso apresenta um trabalho sobre os limites e o poder das agências reguladoras. O trabalho termina com algumas questões interessantes para reflexão.

As duas resenhas bibliográficas são de obras de conteúdo bastante atual. Na primeira, Alexandre Reis Rosa apresenta o livro "O Brasil não é para amadores" do professor Belmiro Valverde Jobim. Na segunda, Janinie Priolli analisa o livro "Corporate governance and capital flows in a global economy".

Desejo a todos uma boa leitura.

Marcelo Milano Falcão Vieira
Editor